

AQUISIÇÃO DE ESCRITA PARA LEITORES INICIANTES NO ENSINO REMOTO: ESTUDO DE CASO

Elayne Beatriz de Farias Pereira ¹
Helamã de Oliveira Freire ²

RESUMO

Diante do cenário pandêmico que impacta no sistema educacional público brasileiro, aplicou-se o teste científico produzido por Ferreiro e Teberosky (1987; 1995) em estudos psicogenéticos sobre a aquisição da escrita por crianças com a finalidade analisar o nível de escrita desenvolvido pela criança diante dos desafios vivenciados pelo ensino remoto, para tal buscou-se compreender a situação familiar da criança, observar o comportamento e os vínculos estabelecidos com o ambiente escolar e relacionar os aspectos sociais da criança com as teorias Piagetianas. Sua relevância se percebe por meio do impacto que a pandemia ocasiona na vida dos alunos na Educação Infantil, diante da necessidade de maior estreitamento de vínculos afetivos e a introdução da criança no ambiente escolar e letrado. Desenvolveu-se de um estudo de caso de caráter explicativo, viabilizado por meio de entrevistas e aplicação do teste realizado em dois momentos de contato com a criança. Compreende-se que as crianças são sujeitos que sabem, portanto a pesquisa se configura como uma denúncia da solidão das crianças da Educação Infantil durante a pandemia a partir de um recorte deste imenso cenário pincelado por abandono familiar, desigualdade social, falta de estrutura escolar e descaso do Estado.

Palavras-chave: Letramento, Alfabetização, Psicogênese, Pandemia.

INTRODUÇÃO

Diante do cenário pandêmico que impacta no sistema educacional público brasileiro, principalmente com a migração dos ambientes presenciais para salas de aulas virtuais com a modalidade do ensino remoto, torna-se essencial registrarmos as transformações a fim de prever os impactos decorrentes dos ajustes e afastamento das crianças no ambiente escolar.

O teste científico produzido por Ferreiro e Teberosky (1987; 1995) em estudos psicogenéticos sobre a aquisição da escrita por crianças, propõe a análise de leitores iniciantes com a finalidade de verificar o nível de escrita já desenvolvido. Para alcançar

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, ellaynefariass@gmail.com;

² Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos - Campina Grande - UNIFIP, freirehelama@gmail.com.

esse objetivo, o teste apoia-se no método clínico. De inspiração piagetiana, problematiza sem induzir a criança a buscar a compreensão de suas hipóteses. Pode-se, também, solicitar o posicionamento pelo confronto do argumento da criança, por contra-argumentos.

Diante disso, o presente artigo tem como finalidade analisar o nível de escrita desenvolvido pela criança diante dos desafios vivenciados pelo ensino remoto, para tal buscou-se compreender a situação familiar da criança, observar o comportamento e os vínculos estabelecidos com o ambiente escolar, mesmo que de modo remoto, e relacionar os aspectos sociais da criança com as teorias estudadas para a análise.

A relevância dessa pesquisa se reflete diante do impacto que a pandemia, por meio das adequações do sistema educacional brasileiro, ocasiona na vida dos alunos e professores, principalmente na educação infantil, que requer maior estreitamento de vínculos afetivos e introduz a criança no ambiente escolar e letrado. O artigo apresenta um recorte deste imenso cenário da Educação Infantil que é pincelado por abandono familiar, desigualdade social, falta de estrutura escolar e descaso do Estado.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, trata-se de um estudo de caso, que para Gil (2002, p. 54) trata-se de um “estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, dessa maneira a pesquisa tem caráter explicativo, pois “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 200, p. 42).

A utilização de uma metodologia adequada é necessária para facilitar o cumprimento dos objetivos propostos, sendo assim foi realizada no primeiro contato uma entrevista estruturada, para a compreensão da condição sócio emocional, assim como a situação educacional da criança e família.

Em seguida, aplicou-se o teste de avaliação da aquisição da escrita para leitores iniciantes. O teste verifica a escrita de palavras desconhecidas e significativas para o leitor iniciante sendo do mesmo campo semântico sendo: 1 polissílaba, 1 trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba, repetindo-se a dissílaba na frase.

De modo geral, a cada palavra escrita pela criança pediu-se que fizesse a sua leitura. Registrou-se o tipo de leitura da escrita produzida e questionou-se: como você sabe que esta palavra é (nome da palavra)? O mediador registrou cada resposta para esta pergunta.

Por fim, analisou-se as características da escrita e localizou-se o intervalo na gênese argumentando teoricamente. O campo semântico escolhido para aplicação teve a temática: doces. Entregou-se uma sacola preparada com: pirulito, pipoca, balas e uma caixa de bis. A partir dos doces, sugeriu-se as palavras: polissílaba: PIRULITO; trissílaba: PIPOCA; dissílaba: BALA; e monossílaba: BIS.

Participante

A criança escolhida tem 5 anos de idade, filho de mãe solteira, grávida e sem convivência com o pai. A criança costuma brincar na rua de sua casa com crianças mais velhas que vivem na vizinhança. Está matriculado na turma do Pré II e recebe suas atividades escolares de forma impressa durante o ensino remoto.

REFERENCIAL TEÓRICO

A psicogênese da escrita, segundo Ferreiro (1995), descreve como as crianças se apropriam das concepções existentes para interpretar e compreender a representação alfabética da língua, que ocorre na interação social, mas apresenta lógicas individuais para cada sujeito, de acordo com os sistemas de representação. Tais sistemas proporcionam o entendimento do mundo exterior através das suas experiências e organizam os novos conhecimentos em esquemas mentais, como é descrito no processo de assimilação tratado por Piaget.

É a partir das tentativas de compreender as informações que recebe de meio, da experimentação de suas hipóteses e da necessidade de coerência entre elas que as crianças constroem sua própria teoria acerca da escrita, conforme aponta Ferreiro (1995), e, é a essa teoria que Piaget chama de esquemas de assimilação. Ao serem formulados, estes sistemas serão responsáveis pela interpretação das informações recebidas sobre a escrita “permitindo que as crianças dêem um sentido aos seus encontros com a escrita e os usuários da escrita” (FERREIRO, 1995, p. 24), assim os

esquemas construídos serão sempre utilizados até que haja a necessidade de modificação.

Quando um esquema de assimilação não consegue apreender as informações de algum objeto, nesse caso a escrita, e não oferece a consistência de interpretação esperada é iniciado um processo difícil para o sujeito, a modificação. Ferreiro (1995) expõe que há dois modos de modificar um sistema, o primeiro consiste em pequenas alterações, sendo uma forma de manter quase todo o esquema inicial; já o segundo modo impõe a reorganização do sistema, conforme a mencionada autora aponta, “mantendo alguns dos elementos anteriores e redefinindo aqueles elementos que se tornam parte de um novo sistema” (FERREIRO, 1995, p.24). Dessa forma, durante a aquisição da língua escrita, a criança constrói e reorganiza seus esquemas de assimilação sendo possível identificar níveis de compreensão nesse processo.

Ferreiro (1995) apresenta três níveis psicogenéticos da escrita. No primeiro deles, a criança busca diferenciar os dois sistemas de representação gráfica que conhece, o desenho e a escrita, já que ambos são compostos por linhas. A autora expõe que a diferença, encontrada pela criança, está na organização dessas linhas, quando trata-se da escrita as linhas não seguem a forma do objeto a ser representado, possuindo assim duas características principais: a arbitrariedade, correspondendo ao aspecto citado acima; e, a linearidade, as linhas da escrita seguem uma sequência linear, diferente do desenho. Nesse nível, além de conseguir distinguir os sistemas de representação, a criança passa a entender cadeias de letras como a substituição do objeto e a perceber que estas, as palavras formadas através das letras, apreendem propriedades e características do objeto que o desenho não consegue reproduzir.

A partir dessa compreensão surge a necessidade de entender a organização das letras para que elas possam representar algo, Ferreiro (1995) traz aspectos quantitativos e qualitativos que as crianças consideram para escrever de maneira compreensível. Quantitativamente, as crianças definem que deve haver um mínimo necessário para que uma palavra seja formada e legível, o princípio da quantidade mínima, “as crianças de língua espanhola (independentemente de seu contexto social ou escola) escolhem três como sendo o número ideal de letras” (FERREIRO, 1995, p.27). Qualitativamente, é necessário que as três letras sejam diferentes para poder ter sentido, o princípio de variações qualitativas internas. Assim, os sujeitos que estão no primeiro nível

psicogenético da escrita conseguem identificar uma sequência escrita com sentido ou não.

Ao abordar o segundo nível, Ferreiro (1995) começa afirmando que as crianças nesse estágio buscam variações/diferenças na escrita que justifiquem interpretações diferentes, elas passam a compreender que duas cadeias escritas iguais não podem significar palavras diferentes e, portanto, é preciso estar atento a isso para que o nome escrito seja legível para o outro. O processo de construção da escrita agora está considerando a intenção do outro, como aponta a autora. É nesse nível que a criança constrói os modos de diferenciação, apoiado nos princípios do nível anterior.

Ferreiro (1995) aponta que as características quantificáveis de um objeto podem influenciar a forma como as crianças pensam a palavra, por exemplo, uma palavra que descreve um conjunto de objetos deve ter mais letras que uma palavra que descreve um objeto só; outro aspecto desse nível pode ser a utilização de letras diferentes, que a criança anteriormente não tinha domínio, para construção de palavras diferentes. Assim, nessa etapa da escrita, as comparações entre escritos estão mais presentes para garantir as justificativas para a diversidade de sentidos, e para que isso seja possível é construído um sistema de variações que permite comparações inter-relacionais entre os escritos. Um aspecto que Ferreiro (1995) destaca é que nesse nível ainda não há consciência da relação entre o padrão sonoro e a representação escrita.

No terceiro nível, correspondente à fonetização, a criança compreende a existência de diferentes sons para cada palavra, e percebem que elas precisa ser escritas de maneiras diferentes, como Ferreiro (1995) mostra, as crianças começam demonstrando conhecimento quantitativo, com sua atenção voltada para a quantidade de letras em relação às sílabas, mas sem associação sobre qual letra representa a sílaba, após elas passam a buscar a similaridade dos sons, buscando letras que apresentam semelhanças com os sons, aqui se trata do primeiro subnível, a hipótese silábica.

No segundo subnível, a silábica-alfabética, a criança busca escrever representando os sons, algumas crianças conseguem chegar neste nível com maiores conhecimentos sobre as letras, algumas utilizam apenas vogais, outras apenas consoantes e outras unem as duas. No início, misturando escrita silábica com alfabéticas

na mesma palavra, omitindo ou acrescentando letras, mas começa a se preocupar com o aspecto qualitativo, no qual se preocupa como entendimento do que está escrito - conseguir ler e que outros também consigam.

Ao chegar ao terceiro subnível, a hipótese alfabética, as crianças ainda não lidam com todos os pontos trazidos pela ortografia, mas escrevem pautando-se nos na marca da oralidade, na qual a equivalência de letras se baseiam na igualdade dos sons, sons distintos, letras distintas, sons iguais, letras iguais.

Esse nível, como a autora traz, não se trata de uma finalização da alfabetização, mas representa um avanço relacionado ao nível anterior, e o aprendizado continua ocorrendo, pois a escrita, e o conhecimento geral, são resultados de contínuas explorações e descobertas, que nos auxiliam na resolução de alguns problemas, mas que também nos colocam de frente à outros, mais complexos, assim se dá o constante empenho por novos conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a aplicação do teste, observou-se durante a escrita provisória o uso recorrente das letras: T, utilizada para iniciar todas as palavras; B - inicial do nome da criança; R e A, também presente no nome da criança. A criança demonstra conhecer uma grande variedade de letras durante a aplicação do questionário e conversa informal, entretanto, no momento da aplicação percebeu-se que a escrita foi restrita. De modo geral, a criança apresenta conscientemente diferenciação gráfica entre o que é desenho e o que é escrita.

No que tange ao incentivo para o processo de escrita e leitura da criança, não há estímulo familiar. Quando solicitada autorização para realizar o teste, a mãe logo adianta que a criança não sabe fazer, de forma determinista e constrangedora, na frente da criança que diz que sabe de forma ofendida. A criança realiza as atividades impressas, enviadas pela escola, na casa do amigo (8 anos). Não há vínculo afetivo com a escola ou professora, a mãe justifica que não consegue tempo para ajudar, pois trabalha.

A criança demonstrou interesse nos livros apresentados no primeiro contato para realização do questionário, nesse momento relatou que não tem livros. Na rotina em casa, descreve que passa grande parte do tempo assistindo vídeos sobre jogos como Minecraft e FreeFire no YouTube pela televisão, mas não está jogando porque o celular que usava está quebrado. Quando questionado sobre a importância da escola, a criança diz que é “*para estudar*” e “*crescer inteligente*” e que deseja ser caminhoneiro como o seu avô e seu padrasto.

Por meio dos contatos estabelecidos com a criança e com a aplicação do teste do nível de escrita, levando em consideração os aspectos subjetivos e demonstrados na escrita da criança, podemos afirmar, com base em Ferreiro (1995), que a criança está no início do segundo nível da escrita visto que sente a necessidade de escrever palavras por meio da utilização de letras o que já significa um avanço em sua escrita, pois utiliza de traços convencionais, diferenciando-as de outro modo de representação, o desenho. Demonstrando clara distinção pelo que Ferreiro (1996, p.26) denomina de modo icônico (desenho) e modo não icônico (escrita).

Dessa forma, a criança analisada já tem presente em sua escrita a noção de arbitrariedade que se liga ao fato de saber que as letras não representam o objeto tal qual ele é, além de demonstrar que ainda está desenvolvendo a noção de linearidade, que se liga ao fato de saber que as palavras são escritas de maneiras linear (diferindo-se dos desenhos) e por conseguinte, também são lidas dessa maneira, pois na leitura ele começa da esquerda para a direita, de modo convencional. Esses são aspectos do nível 1 que permanecem na criança mesmo depois do avanço de nível, pois nesse caso, os avanços não excluem aquilo que já foi aprendido, o que acontece é um avanço na ampliação do pensamento da criança que leva a novas hipóteses e aprendizagens.

Sendo assim, o aspecto observado que comprova sua escrita no nível 2, é que a criança demonstrou grande preocupação na quantidade de letras de cada palavra, por mais que utilizou-se das mesmas letras de maneira repetitiva sendo essas, T, B, M, A, preocupou-se em escrever mais ou menos uma quantidade de letras em cada palavra e de algumas vezes variar a posição das letras na palavra, a fim de diferenciá-las e relacionando-as ao tamanho das palavras, dessa forma identifica-se um estoque limitado de letras e alternância a posição das letras na escrita das palavras.

Essa é uma preocupação que surge entre as crianças que estão no segundo nível da escrita e está ligado ao fato de escrever algo que possa, em seu entendimento, ser interpretado não somente por ela, mas em sua lógica, que outras pessoas leiam e percebam que são palavras diferentes, Ferreiro (1995) dá o nome de princípio da quantidade mínima. Diante disso, nota-se que a para a criança uma palavra deve ter no mínimo 3 letras e no máximo de 11 letras, visto que a palavra que ele escreveu com menor quantidade de letras utilizou de 3, e nas palavras maiores, apresentou o uso de maior quantidade de letras, chegando até a quantidade de 11 letras.

Outro esforço observado e que indica de maneira clara a presença nesse nível é que a criança já faz um grande esforço de coordenação pois controla em sua escrita de maneira simultânea aspectos quantitativos e qualitativos, principal característica de avanço nesse nível.

Percebe-se, por meio dos dados analisados, um ambiente sem estímulos e por vezes limitado para a criança, não há responsabilidade por parte da família em dar suporte para as atividades enviadas pela escola, evidenciando assim um abandono educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios gerais de Piaget com interpretação específica para a alfabetização se afirmam ao longo das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1987; 1995), desse modo compreende-se que as crianças são sujeitos que sabem e que o sistema de escrita se torna um objeto de saber e se caracteriza como tal. Tal teoria se confirma ao longo da pesquisa.

Mota Rocha *et al* (2010, p. 10) afirma que o trabalho com a linguagem:

Deve ser mergulhado em práticas sociais de escrita e de troca comunicativas (Letramento), ao mesmo tempo em que desenvolve as dimensões individuais da Alfabetização, principalmente focalizando a prática pedagógica com os elementos predictores da aquisição da leitura e da escrita: uso social, conhecimento de letras e consciência fonológica, isto é, a consciência do sujeito, ao nível oral, de que as palavras são formadas por unidades sonoras menores que palavras e sílabas: os fonemas.

O uso social da língua é prática determinante para o processo de letramento e alfabetização, pois revelam a interação verbal, desenvolvidas por meio da comunicação oral e/ou escrita, construídas por sujeitos sócio-históricos e culturalmente pertencentes.

Ao longo das análises a criança demonstrou ser muito aberta, falante, questionadora e habilidosa com desenho. Algumas observações importantes foram percebidas durante a realização do questionário, percebeu-se que a criança se sente desconfortável em falar sobre as relações familiares, quando questionada muda de assunto com rapidez, não dando abertura para novas perguntas. O que demonstra que os laços familiares não estão estreitados, pois a criança desconhece informações como nome e profissão dos genitores.

No que diz respeito à escola, apesar de matriculado desde 2020 e ter estudado de forma presencial antes da pandemia, a criança não tem um relacionamento estabelecido com a professora, não soube responder o nome da escola e série que estuda, realiza as atividades com o vizinho de 8 anos e ao ser questionado sobre fazer atividades com a família, novamente, muda de assunto. A mãe justifica que não tem tempo para realizar as atividades com a criança, pois trabalha.

Esse artigo, portanto se configura como uma denúncia da solidão das crianças da Educação Infantil durante a pandemia, pois sofrem com questões emocionais, como o abandono familiar (seja porque falta tempo para lidar com as atividades escolares dos filhos ou por negligência), a desigualdade social diante da falta de estrutura tecnológica para que a criança seja atendida de modo virtual e os desafios que serão enfrentados pelos educadores com o retorno presencial diante do *déficit* escolar causado pela ausência de assistência familiar.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. In: Y. M. GOODMAN (Org.). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.



MOTA ROCHA, S. R.; MELO, S. C. B.; CAMPOS, K. P. B. **Da desinvenção à reinvenção da alfabetização.** II Colóquio Brasileiro de Educação – COBESC. Campina Grande, junho, 2010.